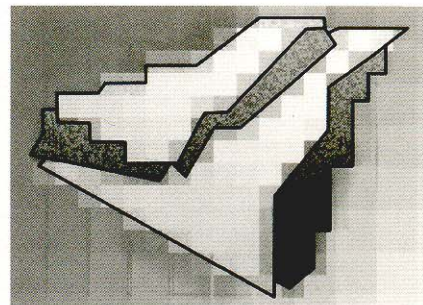


SEMINÁRIO INTERNACIONAL MUSEOGRAFIA E ARQUITETURA DE MUSEUS



Cêça Guimaraens
Nara Iwata
Vânia Polly
Carlos Kessel

organizadores

Rio de Janeiro - 2005

DESLOCAMENTOS ACERCA DO CUBO BRANCO

Marta Bogéa

Arquiteta, doutoranda pela FAU USP, professora nos cursos de graduação e pós-graduação em arquitetura e urbanismo da Universidade São Judas Tadeu, SP.

martabogea@uol.com.br ou prof.martabogea@usjt.br

A pretensa "neutralidade" do cubo branco é aqui re-considerada a partir de três trabalhos: a arquitetura da exposição Paralela e duas instalações, Escrita de Ricardo Carioba e Salva-vidas de Edilaine Cunha, ocorridas em espaços distintos em São Paulo, 2004. No projeto para Paralela a codificação do espaço moderno expositivo permite obras instaladas dentro da pretendida "neutralidade" de espaço convivendo aproximadas a sítios específicos. O uso dos recorrentes painéis brancos com uma disposição em que o galpão esteja permanentemente presente, constitui uma arquitetura aquietada mas evidente como intervenção no espaço. As instalações de Carioba e Edilaine, construídas em espaços reconhecidos como "cubos brancos", se valem da especificidade daquilo que se acredita inespecífico. Em Edilaine, um barco suspenso, visto apenas pelo contorno de seu casco transforma o teto numa linha d'água. Em Carioba, no aparente vazio do interior da galeria surpreendem tons de luz, sombras coloridas, que revelam delicadas projeções. Ambos contam com a arquitetura do cubo na materialidade de suas obras, espaço não mais suporte mas parte indissociável delas. Um cubo nem inerte, nem neutro, como à primeira vista parece ser, mas codificado e potente, como se pode perceber a partir da materialidade das três obras.

A DERIVAÇÃO CONCEITUAL DE MUSEU NO TEMPO E NAS ÁREAS TÉCNICAS, UMA ABORDAGEM APARADIGMÁTICA

Jules M. R. Soto

Geógrafo, doutorando, curador geral do Museu Oceanográfico da Univali, soto@univali.br;

Anne E. R. Soto

Arquiteta, consultora de Especificação da Cerâmica Eliane, pós-graduanda em Projeto Arquitetônico e a Cidade, Univali, annesoto@yahoo.com.br;

Graziella F. Radavelli

Acadêmica de arquitetura, Uniritter, radavelli@pop.com.br.

O conceito de museu é discutido com mais afinco há pelo menos 50 anos, quando as associações e sociedades museísticas, impressionadas com as perdas decorrentes da última grande guerra, resolveram discutir os critérios de classificação dos museus. Porém, o primeiro conceito "universal" foi proposto apenas em 1989, através de uma assembléia do Conselho Internacional de Museus (ICOM-UNESCO), a saber: "O museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade e de seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, pesquisa, divulga e expõe os testemunhos materiais do homem e seu entorno para a educação e o deleite do público que o visita". Com base nesta premissa, a designação de "museu" para o que muitas vezes não passam de simples galerias de arte, espaços culturais ou mesmo edificações sui generis, com partidos que buscam o monumental e onde o acervo é rotativo, ao menos beira o reprovável. Corroborando o fato do próprio Código de Deontologia do ICOM para os Museus conter vários tópicos onde estes outros espaços, equivocadamente denominados de museu, não podem enquadrar-se. Neste sentido, a responsabilidade do arquiteto quanto ao conceito é fundamental, visto ser este o alicerce do partido arquitetônico.